

FICHA TÉCNICA

Título original: *Pharaoh*

Autor: *Wilbur Smith*

Copyright © Orion Mintaka (UK) Ltd. 2016

Os direitos morais de Wilbur Smith como autor desta obra estão certificados

Todos os direitos reservados

Edição original publicada por HarperCollins Publishers em 2016

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Isabel Andrade*

Revisão: *Florbela Barreto/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Mapa © Nicolette Caven 2014

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição, Lisboa, julho, 2018

Depósito legal n.º 442 636/18

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Conquanto tivesse eu preferido tragar a minha própria espada a admiti-lo abertamente, no fundo sabia bem que chegara o fim.

Cinquenta anos antes, sem o menor aviso prévio, as hordas hicsas haviam irrompido pelas fronteiras do nosso bem-amado Egito, provindo das inóspitas regiões do Leste. Tratava-se de um povo selvagem e cruel sem nada que conseguisse redimi-lo. Detinham um recurso que os tornava invencíveis no campo de batalha: o cavalo e o carro de combate, que nós, Egípcios, nunca havíamos visto nem deles ouvido falar, e que, numa primeira impressão, considerámos coisa vil e hedionda.

Tentámos investir sobre os Hicsos com a nossa infantaria, porém, varreram-nos à sua frente, rodeando-nos sem o menor esforço com as suas quadrigas e encerrando-nos no interior de um único círculo fechado, após o que nos brindaram com uma sarai-vada de flechas. Nada mais nos restou fazer senão pegar nas nossas embarcações e fugir diante deles para sul, direitos ao poderoso rio Nilo, puxando pelas nossas embarcações para lá das cataratas, tendo como fito certo as regiões desérticas. Havia de ser aí que permaneceríamos por mais de dez anos, ansiando por regressar à nossa terra-pátria.

Por um acaso fortuito, eu conseguira capturar um grande número de cavalos inimigos e havíamos-los levado connosco. Em breve descobri que, bem longe de ser hediondo, de todos os animais, o cavalo era o mais inteligente e o mais fácil de domar. Apurei a minha própria versão de carro de combate, resultando num protótipo mais leve, rápido e manobrável do que a versão hicsa, após o que instruí

o rapaz que mais tarde viria a ser Tamose, o Faraó do Egito, para que se tornasse um exímio condutor de quadrigas.

No momento mais conveniente, na nossa frota de navios fluviais, nós, os Egípcios, descemos o Nilo em disparada, desembarcamos os nossos carros de combate nas costas do nosso bem-amado Egito e caímos sobre o nosso inimigo, fazendo-o recuar para o delta, situado a norte. Por todas as décadas seguintes, mantivemo-nos presos àquela luta infinda contra os nossos inimigos hicsos.

Agora, porém, a roda da vida havia completado uma volta inteira. O Faraó Tamose era um homem velho, que jazia na sua tenda, ferido de morte por uma flecha hicsa. O exército egípcio desmobilizava-se, e, no dia seguinte, eu haveria de ser confrontado com o inevitável.

Até mesmo o meu espírito intrépido, que, ao longo do último meio século de lutas, havia sido absolutamente vital para a impulsão do nosso Egito, mostrava agora não mais ser capaz de o fazer. No último ano, havíamos saído vencidos de duas grandes e consecutivas batalhas; não obstante serem ambas cruentas e sangrentas, seriam travadas em vão. Os invasores hicsos que haviam usurpado a maior parte da nossa terra-pátria estavam prestes a alcançar o derradeiro triunfo, num momento em que quase todo o Egito se achava sob a alçada da sua garra dominadora. As nossas legiões achavam-se, pois, destroçadas e feitas em pedaços. Por maior que fosse o meu desespero na tentativa de as mobilizar e incitar a prosseguir, pareciam ter-se resignado à derrota e à ignomínia. Mais de metade dos nossos cavalos haviam sido abatidos, e os que ainda se mantinham de pé mal conseguiam suportar o peso de um homem ou de um carro de combate. Quanto aos homens, perto de metade deles exibia feridas abertas e ainda frescas, por si próprios ligadas com andrajos. Desde o princípio do ano, o seu número havia decrescido quase em três mil, na sequência daquelas duas batalhas por nós travadas e perdidas. Os sobreviventes, na sua maior parte, exibiam semblantes estarrecidos ou manquejavam direitos ao campo de batalha com uma espada numa mão e uma muleta na outra.

O certo, porém, é que semelhante rombo nas nossas forças se devia bem mais à deserção do que à morte ou aos ferimentos infligidos no campo de luta. As outrora gloriosas legiões do Faraó haviam

por fim perdido o ânimo e fugiam aos magotes diante do inimigo. Ao passarem por mim em debandada, lágrimas de vergonha corriam-me pelas faces, enquanto lhes rogava com chamamentos suplicantes e os ameaçava com o açoitamento, a morte e a desonra. Nada disso, porém, eles acataram como era devido, a ponto de nem tão-pouco relancearem para mim o olhar no momento em que arremessavam ao chão as suas armas e estugavam mais o passo ou manquejavam para longe de mim. As hordas hicsas achavam-se em posição às portas da cidade de Luxor, sendo quase certo que, no dia seguinte, eu haveria de comandar aquela que seria a nossa derradeira mas diminuta oportunidade de evitar a nossa aniquilação sangrenta.

Enquanto a noite caía sobre o campo de batalha, ordenei aos meus serviçais que limpassem o meu escudo e armadura das manchas de sangue fresco e alisassem no meu elmo a amolgadela feita por uma espada hicsa, ao raiar desse mesmo dia. Perdera ainda a sua pluma, ceifada pelo mesmo golpe da espada inimiga. Em seguida, por conta da chama tremeluzente de uma tocha e pelo seu reflexo no meu espelho de mão de bronze e bem polido, admirei a minha própria imagem. Como de costume, aquele gesto deu um novo alento ao meu espírito pesaroso, e, uma vez mais, fui assim recordado de quão prontamente os homens seguem uma imagem ou uma reputação quando o senso comum dá o alerta da aniquilação iminente. Dirigi um sorriso forçado ao espelho na tentativa de ignorar a mácula de melancolia que despontava do fundo dos meus olhos; após isso, passei sob a prega levantada da minha tenda e fui manifestar o meu profundo respeito ao meu bem-amado Faraó.

O Faraó Tamose encontrava-se deitado na sua liteira a ser assistido por três dos seus esculápios e seis dos seus numerosos filhos. Num círculo mais extenso que se formara em seu redor achavam-se os seus generais e altos conselheiros, bem como cinco das suas esposas favoritas. Posto estar o Faraó a morrer, todos mostravam semblantes carregados e solenes, estando as suas consortes inconsoláveis. Nesse mesmo dia, em pleno campo de batalha, ele havia sofrido um ferimento muito grave. A haste da flecha hicsa ainda se achava projetada para fora do seu peito, passando pelo meio das suas costelas, e nenhum dos esculápios ali presentes, incluindo eu

próprio, o mais experiente de todos, tivera a coragem de tentar retirar a cabeça farpada da flecha daquele sítio tão próximo do coração. Havíamos tão-só partido a dita haste bem pelo rebordo do ferimento, aguardando agora pelo inevitável desfecho. Era quase certo que, antes do final da manhã do dia seguinte, o Faraó deixaria vago o trono dourado, a favor de Utteric Turo, o primogênito, agora sentado a seu lado, tentando não revelar com total clareza o prazeroso contentamento com que aguardava o momento em que a soberania daquele nosso Egito lhe fosse entregue por direito próprio. Utteric era um jovem insípido e inútil, que tão-pouco conseguia fazer o exercício de imaginação de achar que, no dia seguinte, pelo pôr do Sol, já o seu império podia nem sequer existir; ou, pelo menos, era isso o que na altura eu pensava dele. Em breve ficaria a saber quão tristemente errara no julgamento que fizera a seu respeito.

Nesta altura, Tamose era um homem velho. Eu sabia bem a sua idade quase pelo rigor das horas, posto ter sido eu a trazê-lo a este mundo brutal. Ao chegar a este mundo, o seu primeiro ato, urinar copiosamente por cima de mim, tornara-se uma lenda popular. Reprimi um sorriso ao recordar como, ao longo dos mais de sessenta anos seguintes, ele nunca hesitara em demonstrar a sua desaprovação, por mínima que fosse, por eu o manifestar naqueles termos.

Agora, encaminhava-me para junto dele, onde me ajoelhei para lhe beijar as mãos. O Faraó parecia ser bem mais velho do que os efetivos anos que tinha, e, ainda que há pouco ele tivesse tisonado a barba e os cabelos, eu sabia bem que, por baixo da luzidia pigmentação ruiva tão do seu agrado, eles eram, na verdade, tão brancos quão descoloradas eram as algas marinhas por ação do sol intenso. A pele do seu rosto apresentava rugas profundas e achava-se salpicada por escuras manchas solares. Duas bolsas de pele enrugada pendiam por debaixo dos seus olhos, onde eram bem distintos os sinais da morte próxima.

Não faço a menor ideia da idade que tenho, ainda assim, sou consideravelmente mais velho do que o Faraó, embora na aparência dê a ideia de ter bem menos de metade da sua idade. Isto porque sou um ente longo e abençoado pelos deuses, em especial pela deusa Inana, o nome secreto da deusa Artemisa.

O Faraó ergueu os seus olhos para mim e falou dolorosamente e com dificuldade numa voz enrouquecida e com uma respiração sibilante e ofegante.

— Tata! — saudou-me com o diminutivo que me pusera quando ainda era criança. — Sabia que havias de vir. Sabes sempre quando mais preciso de ti. Diz-me, meu bom e velho amigo, como vai ser o amanhã?

— O amanhã pertence-vos, a vós e ao Egito, Senhor, meu Rei. — Desconheço a razão pela qual escolhi estas palavras para lhe responder, quando era mais do que certo pertencerem agora todos os amanhãs a Anúbis, o deus dos cemitérios e do mundo subterrâneo. Todavia, amava o meu Faraó, pelo que desejava que morresse do modo mais tranquilo possível.

Sorriu apenas e, sem dizer mais nada, estendeu-me tão-só uma mão vacilante com dedos trémulos, que tomaram a minha mão na sua e a seguraram de encontro ao peito até adormecer. Os esculápios e os seus filhos abandonaram os aposentos reais, juro, porém, ter vislumbrado um leve sorriso perpassar pelos lábios de Utteric enquanto saía devagar.

Permaneci sentado junto a Tamose até bem depois da meia-noite, da mesma forma que estivera sentado com a mãe na hora em que partira, até por fim ser vencido pela fadiga entorpecedora daquele dia de combate. Soltei a minha mão da sua e, deixando-o ainda a sorrir, cambaleei até ao meu colchão, sobre o qual caí num sono quase letífero.

Despertaram-me os meus lacaios antes de, com laivos dourados, os primeiros raios de luz tocarem os céus da madrugada. Vesti-me a toda a pressa para o combate e embainhei a minha espada, após o que me apressei a voltar aos aposentos reais. Quando tornei a ajoelhar-me junto ao leito do Faraó, ele ainda sorria, porém senti as suas mãos frias ao toque e vi que estava morto.

— Hei de chorar-vos mais tarde, meu Mem — prometi-lhe, enquanto tornava a pôr-me de pé —, agora, porém, devo ir para tentar manter como bom o juramento que vos fiz, a vós e ao nosso bem-amado Egito.

A desdita dos que vivem uma longa vida é sobreviverem a todos quantos mais amaram.

Achava-se o remanescente das nossas destroçadas legiões reunido na estreita passagem defronte da cidade dourada de Luxor, onde nos últimos e angustiantes trinta e cinco dias nos havíamos mantido a conter as hordas enraivecidas dos Hicsos. Na minha quadriga de combate, passei em revista as fileiras dizimadas, de onde aqueles que me reconheceram e conseguiram fazê-lo, ainda que titubeantes, se puseram de pé. Baixaram-se para puxar pelos companheiros feridos e os ajudar a porem-se direitos, assim se mantendo com eles nas respectivas formações de combate. Em seguida, todos eles, homens ainda são e fortes e outros já a meio caminho da morte, ergueram as suas armas aos céus da madrugada saudando-me à minha passagem.

Um cântico ritmado ganhou força: «Taita! Taita! Taita!»

Reprimi as lágrimas ao ver aqueles intrépidos filhos do Egito em tão desesperada dificuldade. Forcei o assomo de um sorriso aos meus lábios e, por entre gargalhadas, gritei-lhes palavras de encorajamento, apelando aos mais robustos que se achavam no meio da multidão e que conhecia tão bem:

— Eia, Osmen! Bem sabia que havia de te encontrar ainda na frente de batalha.

— Nas vossas costas, nunca estou mais do que o comprimento de uma espada, meu senhor! — gritou-me em resposta.

— Lothan, meu velho leão guloso. Não derribaste tu já mais do que o teu quinhão de cães hicsos?

— Assim é, Lorde Tata, todavia, tão-só metade dos que haveis vós estropiado. — Lothan era um dos meus prediletos, pelo que lhe permitia que usasse o meu diminutivo. Depois de eu ter passado e as aclamações dos meus homens terem esmorecido até eles tornarem a mergulhar num silêncio sepulcral e os seus joelhos voltarem a ceder sob o peso dos seus corpos, baixei os olhos para a passagem onde sabia estar as legiões hicsas tão-só à espera da luz plena da manhã para retomarem a sua investida. O campo de batalha em todo o nosso redor achava-se espessamente eivado de morte pelos muitos e longos dias de chacina. A ténue brisa dos primeiros alvares trouxe a pestilência da morte até ao sítio onde

aguardávamos. A cada inspiração, senti-a na língua e no fundo da garganta tão espessa como óleo. Escarrei e cuspi sobre o rebordo lateral da minha quadriga, porém, a cada nova inspiração, aquela sensação parecia ser cada vez mais forte e mais repulsiva.

Os animais necrófagos banquetavam-se já sobre as pilhas de cadáveres que se amontoavam em torno de nós. Os abutres e os corvos planavam sobre o campo de batalha, descrevendo largos eixos, após o que desciam para o solo para competirem com os chacais e as hienas no meio de uma buliçosa confusão de guinchos e disputas, rasgando a carne humana putrefacta, arrancando pedaços e frangalhos dela e engolindo-os por inteiro. O horror fez-me sentir a minha própria pele ser repuxada, ao imaginar vir a ser aquele o fim que me aguardava quando acabasse por sucumbir às lâminas hicsas.

Com um estremecimento do corpo, tentei afastar aqueles pensamentos, ao mesmo tempo que gritava aos meus capitães para que ordenassem aos arqueiros que fossem retirar dos cadáveres tantas flechas desferidas quantas conseguissem para assim voltarem a encher as suas aljavas desfalcadas.

Foi então que, a sobrepor-se à cacofonia dos animais e dos pássaros quezilentos, ouvi ecoar sobre a passagem o rufar de um único tambor. Também os meus homens o escutaram, pois os sargentos berraram ordens e os arqueiros apressaram-se a voltar do campo de batalha com as flechas que haviam conseguido recuperar. Os homens que aguardavam nas fileiras puseram-se de pé e fizeram a formatura, alinhando-se ombro com ombro com os escudos sobrepostos. As lâminas das suas espadas e as cabeças das respectivas lanças achavam-se lascadas e embotadas pelo uso excessivo, ainda que as investissem contra o inimigo. As extremidades dos seus arcos haviam sido ligadas com barbante nos sítios onde a madeira fora rachada e muitas das flechas por eles resgatadas do campo de batalha haviam já perdido as suas penas, não obstante, naturalmente que voariam atingindo o seu alvo à queima-roupa. Eram os meus homens engenhosos veteranos, conhecendo todos os truques necessários para retirarem o melhor proveito das armas e de outro equipamento bélico danificado.

Da desembocadura mais distante da passagem, começaram a surgir aos magotes inimigos semiocultos pela soturnidade da

madrugada. No princípio, por força da distância e dos primeiros alvares, as suas formações pareciam ter encolhido e minguido, todavia, depressa inflaram em tamanho à medida que marchavam direitas a nós. Os abutres crocitaram e grasnaram, após o que se elevaram no ar, ao mesmo tempo que os chacais e outros necrófagos se apressaram a fugir em debandada perante o avanço do inimigo. De um ao outro lado, via-se o chão da passagem repleto de hordas hicsas, e, não pela primeira vez, senti o ânimo esmorecer, pois dava a ideia de nos suplantarem, pelo menos, em três ou mesmo quatro vezes.

Todavia, à medida que se aproximavam, apercebi-me de que, em contrapartida, os havíamos flagelado com a mesma brutalidade com que eles nos haviam tratado. A maior parte deles havia sido ferida, achando-se os seus ferimentos ligados com andrajos manchados de sangue, de modo idêntico aos nossos. Alguns deles coxeavam apoiados em muletas, enquanto outros se escapuliam com pasmo quando eram apressados pelos sargentos, que, na sua maioria, brandiam látegos de couro cru. Exultei ao vê-los serem obrigados a recorrer a tão extremas medidas para instigar os seus homens a manterem-se nas respectivas formações. Conduzi a minha quadriga ao longo da fileira dianteira dos meus homens, gritando-lhes palavras de encorajamento e mostrando-lhes como os capitães hicsos usavam os seus látegos.

— Homens como vós não precisam nunca que seja o látigo a convencer-vos do cumprimento do dever. — Foi com toda a clareza que a minha voz chegou até eles, sobrepondo-se bem acima do rufar dos tambores hicsos, bem como do bater dos seus pés sob as grevas. Ao mesmo tempo que os meus homens me aclamavam com aplausos, gritavam insultos e palavras de desdém às fileiras inimigas que se aproximavam. Por aquela altura, eu avaliava a distância cada vez menor que separava as suas fileiras dianteiras dos nossos exércitos oponentes. Dos trezentos e vinte carros de combate com que eu havia dado início àquela campanha, restavam-me apenas cinquenta e dois. O desgaste dos nossos cavalos era particularmente difícil de superar, não obstante, a nossa única vantagem prendia-se com o facto de ali nos acharmos numa posição de maior força, mesmo à saída daquela passagem íngreme e acidentada. Fora escolhida

por mim com o maior cuidado e ardilosa sabedoria, adquirida em incontáveis batalhas travadas ao longo de todo o largo tempo que eu tinha de vida.

Os Hicsos confiaram que as suas quadrigas haviam de facilitar a aproximação dos seus arqueiros às nossas fileiras. Apesar do nosso exemplo, jamais haviam desenvolvido o arco recurvo, mantendo-se teimosamente cingidos ao arco de haste retilínea, incapaz de desferir uma flecha com a mesma rapidez e, por conseguinte, com um alcance idêntico ao das nossas armas superiores. Tendo-os forçado a abandonar as suas quadrigas no fundo da passagem pedregosa, eu havia-lhes negado a possibilidade de fazerem chegar rapidamente os seus arqueiros às extensas fileiras da nossa infantaria.

Agora, chegara o momento crítico em que eu tinha de movimentar as quadrigas que me restavam, pelo que fui eu mesmo quem dirigiu aquele esquadrão de ataque durante todo o tempo em que investimos em linha e deitámos por terra a ala avançada hicsa. Desferindo as nossas flechas sobre as suas fileiras maciças, a uma distância de uns sessenta ou setenta passos, conseguimos matar ou mutilar perto de trinta dos nossos inimigos antes mesmo de eles serem capazes de nos alcançar.

No momento em que isso aconteceu, saltei da plataforma do meu veículo e, enquanto o condutor da minha quadriga se afastava nela, comprimi-me no centro da fileira dianteira, fixando de pronto o meu escudo entre dois dos meus companheiros e expondo-o ao inimigo.

Quase de imediato seguiu-se o tumultuoso instante em que a batalha foi travada a sério, com a falange inimiga a embater contra a nossa linha da frente com um estrondoso tinido de bronze contra bronze. Com os escudos encravados uns nos outros, os exércitos opositores empurravam-se e puxavam-se mutuamente, envidando todos os esforços para romper a linha avançada inimiga. Tratava-se de uma batalha colossal que nos mergulhava a todos num estado de intimidade ainda mais obsceno do que qualquer ato sexualmente pervertido. Ventre com ventre e rosto com rosto, pelejávamos de tal sorte que quando grunhíamos e berrávamos como animais, numa fração de segundo, o cuspe saía-nos das bocas retorcidas direito à cara do inimigo, posicionado a poucos centímetros de distância.

Estávamos todos demasiado próximos uns dos outros para sermos capazes de fazer bom uso das nossas longas armas. Além do mais, achávamo-nos prensados entre autênticas margens de escudos de bronze. Perdermos o equilíbrio significava cairmos e sermos perigosamente espezinhados, se não mesmo mortos, pelas sandálias brônzeas dos nossos aliados ou dos inimigos.

Eu combatera bastas vezes num escudo defensivo para ter já concebido uma arma específica para ser usada nessa mesma situação. A comprida lâmina do gládio da cavalaria devia decididamente manter-se dentro da sua bainha e ser substituída por uma pequena adaga que não fosse além da extensão de um palmo. Podendo ambos os nossos braços achar-se maniatados pelo aperto dos corpos enfiados nas armaduras e o rosto do nosso inimigo estar a não mais do que escassos centímetros do nosso, ainda assim, somos sempre capazes de fazer bom uso desta pequena arma e de colocar a ponta da sua lâmina numa fissura da armadura do inimigo para, com um golpe limpo, fazê-lo ir desta para melhor.

Naquele dia, diante dos portões da cidade de Luxor, sem sair do mesmo sítio, matei para cima de dez brutamontes hicsos de rosto trigueiro, sem mover a minha mão direita mais do que uns quantos centímetros. Experimentei uma desmedida sensação de satisfação ao olhar nos olhos do inimigo e ver como as suas feições se contorciam de agonia, ao mesmo tempo que ele sentia a minha lâmina perfurar-lhe as entranhas vitais até por fim eu sentir o seu último bafejo quente, soprado direito ao meu rosto, enquanto o expelia dos pulmões e antes de desfalecer. Não sou de natureza cruel nem vingativa, contudo, sabe bem o bom deus Hórus como o meu povo e eu próprio sofremos às mãos desta tribo bárbara para nos regozijarmos seja com que retaliação for que esteja ao nosso alcance.

Desconheço o tempo que estivemos envolvidos naquele escudo defensivo. Na altura, tive a sensação de terem decorrido muitas horas de um confronto brutal, todavia, pela mudança do ângulo do impiedoso Sol que se elevava por cima de nós, percebi ter passado menos de uma hora até as hordas hicsas se desembaraçarem das nossas fileiras e recuarem um tanto. Ambos os lados se achavam exaustos pela ferocidade do combate. Havíamos-nos defrontado na estreita

faixa de terreno, ofegando como animais, ensopados no nosso próprio sangue e suor e aos cambaleios para nos sustermos de pé. Todavia, pelo que me dera a conhecer a experiência, eu sabia bem que aquele desafogo havia de ser de pouca duração, e que, sem tardar, havíamos de nos lançar de novo uns sobre os outros como cães raivosos. Eu sabia ainda que aquela seria a nossa derradeira batalha. Olhei em volta para os meus homens e percebi que já estavam bem próximo do fim. O seu número não ia além de mil e duzentos. Porventura conseguiriam sobreviver ainda uma outra hora no escudo defensivo, porém, praticamente tempo nenhum além desse. Após isso, tudo estaria perdido. O meu desespero esteve à beira de me consumir.

Foi então que, de repente, senti alguém atrás de mim a puxar-me pelo braço e a gritar-me palavras que, no princípio, faziam pouco sentido.

— Meu Senhor, Taita, outro grande destacamento inimigo aproxima-se de nós pela retaguarda. O inimigo está prestes a cercar-nos por completo. A não ser que conseguis pensar numa maneira de nos pôr a salvo, o nosso dia termina aqui mesmo.

Volteei o tronco sobre os calcanhares para encarar o portador de tão terríveis notícias. Se acaso aquilo fosse verdade, estaríamos perdidos, duplamente perdidos. O homem que tinha diante de mim tratava-se, porém, de alguém em cuja palavra eu sabia poder confiar, posto ser ele um dos jovens oficiais mais promissores do exército do Faraó, que seguia aos comandos do Esquadrão 101 de quadrigas pesadas.

— Leva-me daqui e mostra-mo, Merab! — ordenei-lhe.

— Segui-me por aqui, meu Senhor! Tenho ali um cavalo folgado à vossa espera. — Deve ter visto como eu estava completamente exausto, posto ter tomado o meu braço e ter-me ajudado a passar pelas pilhas de mortos e moribundos, bem como de armas abandonadas e outros apetrechos bélicos que juncavam o chão do campo de batalha. Alcançámos o pequeno destacamento dos nossos legionários, posicionados na retaguarda, que seguravam numa parelha de cavalos frescos. Por essa altura, já havia recuperado o bastante para rejeitar a mão prestimosa de Merab. É que detesto mostrar sequer o mais pequeno sinal de fraqueza diante dos meus homens.